

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VII

JUNHO DE 1864

Nº 6

A Vida de Jesus, pelo Sr. Renan

(2º artigo – Vide o número de maio de 1864)

Este é um daqueles livros que não podem ser completamente refutados senão por outro. Precisaríamos discutir artigo por artigo. É uma tarefa que não empreenderemos, por tocar questões que não são de nossa alçada e de que muitos outros se encarregarão. Limitar-nos-emos ao exame das consequências tiradas pelo autor, do ponto de vista em que se colocou.

Há nesta obra, como em todas as obras históricas, duas partes bem distintas: o relato dos fatos e a apreciação dos fatos. A primeira é uma questão de erudição e de boa-fé; a segunda depende inteiramente da opinião pessoal. Dois homens podem concordar perfeitamente quanto a uma e diferir completamente quanto à outra.

É natural que a parte religiosa tenha sido atacada, já que é uma questão de crença, mas a parte histórica parece não ser invulnerável, a julgar pelas críticas dos teólogos, que não só lhe

contestam a apreciação, mas a exatidão de certos fatos. Deixaremos aos mais competentes do que nós o cuidado de decidir esta última questão. Entretanto, e sem nos constituirmos em juiz do debate, reconhecemos que certas críticas evidentemente são fundadas, mas que, sobre vários pontos importantes da História, as observações do Sr. Renan são perfeitamente justas. Entre as numerosas refutações que foram feitas ao seu livro, cremos dever assinalar a do padre *Gatry* como uma das mais lógicas e mais imparciais. Ele aí ressalta com muita clareza as contradições encontradas a cada passo¹².

Contudo, admitamos que o Sr. Renan em nada se tenha afastado da verdade histórica. Isto não implica a justeza de sua apreciação, porque ele fez esse trabalho em vista de uma opinião e com idéias preconcebidas. Estudou os fatos para neles buscar a prova dessa opinião, e não para formar uma opinião; naturalmente não viu senão o que lhe pareceu conforme à sua maneira de ver, não tendo visto o que lhe era contrário. Sua opinião é a sua medida; aliás, ele o diz nesta passagem de sua introdução, à página 5: “Ficarei satisfeito se, depois de ter escrito a vida de Jesus, me for dado *contar como entendo* a história dos apóstolos, o estado da consciência cristã durante as semanas que se seguiram à morte de Jesus, a formação do *ciclo lendário* da ressurreição, os primeiros atos da Igreja de Jerusalém, a vida de São Paulo, etc.” Pode haver diversas maneiras de apreciar um fato, mas o fato em si mesmo é independente da opinião. É, pois, uma história dos apóstolos *à sua maneira* que o Sr. Renan se propõe escrever, como escreveu, *à sua maneira*, a história da vida de Jesus. Acha-se ele nas condições de imparcialidade requeridas para que sua opinião faça lei? Que ele nos permita duvidar.

Persuadido de que estava certo, pôde agir, e cremos que o fez de boa-fé e que os erros materiais que lhe censuram não

12 Brochura in-18 – Preço: 1 fr.; Plon, 8, rue Garancière.

resultam de um desígnio premeditado de alterar a verdade, mas de uma falsa apreciação das coisas. Ele está na posição de um homem consciencioso, partidário exclusivo das idéias do antigo regime e que escrevesse uma história da Revolução Francesa. Seu relato poderá ser de escrupulosa exatidão, mas o julgamento que fizer dos homens e das coisas será o reflexo de suas próprias idéias; censurará o que outros aprovam. Em vão terá percorrido os lugares onde se desenrolaram os acontecimentos; os lugares lhe confirmarão os fatos, mas não lhe farão encará-los de outra maneira. Tal foi o Sr. Renan, percorrendo a Judéia com o Evangelho na mão; encontrou os traços do Cristo, de onde concluiu que o Cristo tinha existido, mas não viu o Cristo de maneira diversa da que o via antes. Onde não viu senão os passos de um homem, um apóstolo da fé ortodoxa teria percebido o selo da Divindade.

Sua apreciação decorre do ponto de vista em que se colocou. Defende-se do ateísmo e do materialismo, porque não crê que a matéria pense, porque admite um princípio inteligente, universal, repartido pelos indivíduos em dose mais ou menos forte. Em que se torna esse princípio inteligente após a morte de cada criatura? A crer na dedicatória do Sr. Renan à alma de sua irmã, aquela conserva sua individualidade e suas afeições. Mas se a alma conserva sua individualidade e suas afeições, há, então, um mundo invisível, inteligente e amante. Ora, desde que esse mundo é inteligente, não pode ficar inativo; deve representar um papel qualquer no Universo. Pois bem! A obra inteira é a negação desse mundo invisível, de toda inteligência ativa fora do mundo visível; por conseguinte, de todo fenômeno resultante da ação de inteligências ocultas, de toda relação entre os mortos e os vivos, donde se deve concluir que sua tocante dedicatória é uma obra da imaginação, suscitada pelo pesar sincero que sente pela perda da irmã, e que aí exprime mais seu desejo do que sua crença. Porque, se tivesse acreditado seriamente na existência individual da alma da irmã, na persistência de sua afeição por ele, na sua

solicitude, na sua inspiração, essa crença lhe teria dado idéias mais verdadeiras sobre o sentido da maior parte das palavras do Cristo.

Com efeito, o Cristo, preocupando-se com o futuro da alma, incessantemente faz alusão à vida futura, ao mundo invisível, que apresenta, conseqüentemente, como muito mais invejável que o mundo material e como devendo constituir o objetivo de todas as aspirações do homem. Para quem nada vê fora da Humanidade tangível, estas palavras: “Meu reino não é deste mundo; Há várias moradas na casa de meu Pai; Não busqueis tesouros da Terra, mas os do céu; Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados”, e tantas outras, só devem ter um sentido quimérico. É assim que as considera o Sr. Renan. Diz ele: “A parte de verdade, contida no pensamento de Jesus, o tinha arrastado à *quimera* que o obscurecia. Contudo, não desprezemos esta quimera, que foi a casca grosseira do bulbo sagrado do qual vivemos. Este *fantástico reino do céu*, essa busca sem-fim de uma cidade de Deus, que sempre preocupou o Cristianismo em sua longa carreira, foi o princípio do grande instinto do futuro, que animou todos os reformadores, discípulos obstinados do Apocalipse, desde Joaquim de Flore, até o sectário protestante de nossos dias.” (Cap. XVIII, página 285, 1ª edição)¹³.

A obra do Cristo era toda espiritual. Ora, não crendo o Sr. Renan na espiritualização do ser, nem num mundo espiritual, naturalmente deveria tomar o oposto de suas palavras e o julgar do ponto de vista exclusivamente material. Um materialista ou um panteísta, julgando uma obra espiritual, é como um surdo julgando um trecho de música. Julgando o Cristo do ponto de vista em que se colocou, o Sr. Renan deve ter-se equivocado quanto às suas intenções e o seu caráter. A mais evidente prova disto se acha nesta estranha passagem de seu livro: “*Jesus não é um espiritualista, porquanto tudo para ele deságua numa realização palpável; ele não tem a mínima noção de uma alma separada do corpo.* Mas é um idealista

13 Todas as nossas citações são tiradas da 1ª edição.

completo; para ele a matéria não passa do sinal da idéia, e o real a expressão viva do que não aparece.” (Cap. VII, página 128).

Concebe-se o Cristo, fundador da doutrina espiritualista por excelência, não acreditando na individualidade da alma, da qual não tem a menor noção e, desse modo, não crendo na vida futura? Se não é espiritualista, é materialista e, conseqüentemente, o Sr. Renan é mais espiritualista que ele. Tais palavras não se discutem; bastam para indicar o alcance do livro, porque provam que o autor leu os Evangelhos, ou com muita leviandade, ou com um espírito tão prevenido que não viu o que salta aos olhos de todo o mundo. Pode admitir-se sua boa-fé, mas não se admitirá, por certo, a justeza de sua visão.

Todas as suas apreciações decorrem da idéia de que o Cristo só tinha em vista as coisas terrestres. Segundo ele, era um homem essencialmente bom, desinteressado dos bens deste mundo, costumes muito suaves, instrução limitada ao estudo dos textos sagrados, inteligência natural superior, a quem as disputas religiosas dos judeus deram a idéia de fundar uma doutrina. Nisto foi favorecido pelas circunstâncias, que soube explorar habilmente. Sem idéia preconcebida e sem plano definitivo, vendo que não teria êxito junto aos ricos, procurou seu ponto de apoio nos proletários, naturalmente animados contra os ricos; lisonjeando-os, deveria transformá-los em seus amigos. Se disse que o reino dos céus é para as crianças, foi para agradar às mães, que tomava por seu lado fraco e fazê-las partidárias. Assim, sob muitos aspectos, a religião nascente foi um movimento de mulheres e crianças. Numa palavra, nele tudo era cálculo e combinação e, auxiliado pelo amor do maravilhoso, triunfou. Aliás, não muito austero, porque amou muito Madalena, pela qual foi amado. Várias mulheres ricas proviam às suas necessidades. Ele e seus apóstolos eram folgazões e não desdenhavam os banquetes. Vede antes o que ele diz:

“Três ou quatro galiléias devotadas acompanhavam sempre o *jovem mestre* e disputavam o prazer de o escutar e dele cuidar, cada uma por sua vez. Traziam para a seita nova um elemento de entusiasmo e de maravilhoso, cuja importância já se apreende. Uma delas, Maria de Magdala, que celebrizou no mundo o nome de seu pobre vilarejo, parece ter sido uma pessoa muito exaltada. Segundo a linguagem da época, tinha sido possessa de sete demônios, isto é, tinha sido afetada de doenças nervosas, aparentemente inexplicáveis. Jesus, *por sua beleza* pura e suave, acalmou essa organização perturbada. Madalena lhe foi fiel até ao Gólgota e, no dia seguinte à sua morte, representou um papel de primeira ordem, por ter sido o elemento principal pelo qual se estabeleceu a fé na ressurreição, como veremos mais tarde. Joana, mulher de Cusa, um dos intendentos de Antipas, Suzana e outras, que ficaram desconhecidas, o seguiam sem cessar e o serviam. Algumas eram ricas e punham, *por sua fortuna*, o *jovem profeta em condição de viver* sem exercer o ofício que professara até então.” (Cap. IX, página 151).

“Jesus compreendeu bem depressa que o mundo oficial de seu tempo não se prestaria absolutamente para o seu reino. Ele tomou seu partido com extrema petulância. Deixando lá toda essa gente de coração empedernido e estreitos preconceitos, voltou-se para os simples. O reino de Deus é feito para as crianças e para os que se lhes assemelham; para os desprezados deste mundo, vítimas da arrogância social, que repele o homem bom, mas humilde... O puro *ebionismo*, isto é, que os pobres (*ebionin*) são os únicos a serem salvos e o reino dos pobres vai chegar, foi, pois, a doutrina de Jesus. (Cap. XI, página 178).

“Ele não apreciava os estados da alma senão na proporção do amor que aí se mistura. Mulheres com o coração cheio de lágrimas e dispostas por suas faltas aos sentimentos de humildade, estavam mais perto de seu reino do que as naturezas medíocres, as quais muitas vezes têm pouco mérito por não terem

falido. Por outro lado, concebe-se que essas almas ternas, achando em sua conversão à seita um meio fácil de reabilitação, a ele se ligavam com paixão.

“Longe de buscar atenuar os murmúrios provocados por seu desdém às suscetibilidades sociais do tempo, parecia ter prazer em os excitar. Jamais foi confessado mais altivamente esse desprezo do mundo, que é a condição das grandes coisas e da grande originalidade. Só perdoava ao rico quando este, por força de algum preconceito, era malvisto pela sociedade. Preferia claramente as pessoas de vida equívoca e de pouca consideração aos notáveis ortodoxos. Dizia: ‘Publicanos e *cortesãs* vos precederão no reino de Deus. Veio João; publicanos e *cortesãs* creram nele e, apesar disto, não vos convertestes.’ Compreende-se que a censura por não terem seguido o bom exemplo que lhes davam as *filhas do prazer* deveria ser cruel para gente que fazia profissão de austeridade e de uma moral rígida.

“Não tinha qualquer afetação exterior, nem dava mostras de severidade. Não fugia à alegria e ia de bom grado às festas de casamento. *Um de seus milagres foi feito para distrair as bodas de um vilarejo.* As bodas no Oriente se dão à noite. Cada um leva uma lâmpada; as luzes que vão e vêm têm um efeito muito agradável. Jesus gostava deste aspecto alegre e animado e daí tirava as suas parábolas. (Cap. XI, página 187).

“Os fariseus e os doutores gritavam, escandalizados. Diziam: Vede com que gente ele come! Jesus tinha, então, finas respostas, que exasperavam os hipócritas: Não são os sádios que precisam de médico.” (Cap. XI, página 185).

O Sr. Renan tem o cuidado de indicar, em notas de chamada, as passagens do Evangelho a que faz alusão, para mostrar que se apóia no texto. Não é a verdade das citações que se lhe contesta, mas a interpretação que lhes dá. É assim que a profunda máxima deste último parágrafo é travestida numa simples tirada

espiritiosa. Tudo se materializa no pensamento do Sr. Renan; em todas as palavras de Jesus nada vê além do terra-a-terra, porque ele próprio nada enxerga fora da vida material.

Depois de uma idílica descrição da Galiléia, de seu clima delicioso, de sua fertilidade luxuriante, do caráter doce e hospitaleiro de seus habitantes, dos quais faz verdadeiros pastores da Arcádia, acha, na disposição de espírito que daí devia resultar, a fonte do Cristianismo.

“Esta vida contente e facilmente satisfeita não levava ao grosseiro materialismo do nosso camponês, à grande alegria de uma normanda generosa, à pesada alegria dos flamengos. Ela se espiritualizava em sonhos etéreos, numa espécie de misticismo poético, confundindo o Céu e a Terra... A alegria fará parte do reino de Deus. Não é a filha dos humildes de coração, dos homens de boa vontade?”

“Toda a história do Cristianismo nascente tornou-se uma espécie de deliciosa pastoral. Um Messias em repasto de bodas, a cortesã e o bom Zaqueu chamados a seus festins, os fundadores do reino do céu, como um cortejo de paraninfos: eis o que a Galiléia ousou e fez aceitar.” (Cap. IV, pág. 67).

“Jesus foi dominado por um sentimento de admirável profundidade, bem como o grupo de *crianças alegres* que o acompanhavam e dele fez para a eternidade o verdadeiro criador da paz da alma, o grande consolador da vida.” (Cap. X, pág. 176).

“*Utopias de vida bem-aventurada, fundadas na fraternidade dos homens* e o culto puro do verdadeiro Deus preocupavam as almas elevadas e em toda parte produziam ensaios ousados, sinceros, mas de pouco futuro.” (Cap. X, pág. 172).

“No Oriente, a casa onde entra um estrangeiro torna-se, em seguida, um lugar público. O vilarejo inteiro aí se reúne; os

meninos a invadem; os criados se afastam; eles voltam sempre. Jesus não suportava que maltratassem esses ingênuos ouvintes; aproximava-os de si e os abraçava. As mães, encorajadas por tal acolhida, traziam-lhe seus bebês para que ele os tocasse... As mulheres e as crianças igualmente o adoravam...

“Assim, a religião nascente foi, sob vários aspectos, um movimento de mulheres e de crianças. Estes últimos o rodeavam à feição de uma jovem guarda para a inauguração de sua inocente realeza e lhe faziam pequenas ovações, que muito lhe agradavam, chamando-o filho de Davi, gritando: Hosana! e agitando palmas ao seu redor. Como Savanarola, talvez Jesus os fizesse servir de instrumento a missões piedosas. Ele estava bem à vontade para ver esses jovens apóstolos, que não o comprometiam, lançar-se à frente e conferir-lhe títulos que ele próprio não ousava tomar.” (Cap. XI, pág. 190).

Jesus é, desse modo, apresentado como um ambicioso vulgar, de paixões mesquinhas, que age às escondidas e não tem coragem de se confessar. Em falta de uma realeza efetiva, contenta-se com a mais inocente e menos perigosa que lhe conferem os meninos. A passagem seguinte dele faz um egoísta:

“Mas de tudo isto não resultou uma Igreja estabelecida em Jerusalém, nem um grupo de discípulos hierosolimitas. O encantador doutor, que a todos perdoava, contanto que o amassem, não podia achar muito eco nesse santuário de disputas vãs e sacrifícios antiquados.”

“Sua família parece não o ter amado e, por momentos, ele é duro para com ela. Como todos os homens exclusivamente preocupados com uma idéia, chegava a ter em pouca conta os laços de sangue... Logo, em sua audaciosa revolta contra a Natureza, devia ir ainda mais longe e o veremos espezinando tudo quanto é do homem, o sangue, o amor, a pátria, não guardando ressentimento

senão para a idéia que se lhe apresentava como forma absoluta do bem e do verdadeiro.” (Cap. III, pág. 42 e 43).

Eis o que o Sr. Renan intitula: *Origens do Cristianismo*. Quem alguma vez teria acreditado que um grupo de pessoas alegres, um bando de mulheres, de cortesãs e de crianças, tendo à frente um idealista, que não possuía a menor noção da alma, pudesse, auxiliado por uma utopia, pela quimera de um reino celeste, mudar a face do mundo religioso, social e político? Em outro artigo examinaremos o modo pelo qual ele encara os milagres e a natureza da pessoa do Cristo.

Relato Completo da Cura da Jovem Obsedada de Marmande

(Vide os números de fevereiro e março de 1864)

O Sr. Dombre, de Marmande, enviou-nos o relato circunstanciado dessa cura, da qual já demos conhecimento aos leitores. Os detalhes que encerra são do mais alto interesse, do duplo ponto de vista dos fatos e da instrução. Como se verá, é, ao mesmo tempo, um curso de ensino teórico e prático, um guia para casos análogos e uma fonte fecunda de observações para o estudo do mundo invisível em geral, nas suas relações com o mundo visível.

Fui advertido – diz o Sr. Dombre em seu relatório – por um dos membros de nossa sociedade espírita, das crises violentas que todas as tardes, regularmente, no decurso dos últimos oito meses, sofria uma tal Tereza B...

Acompanhado do Sr. L..., médium, dirigi-me, em 11 de janeiro último, às quatro e meia da tarde, a uma casa vizinha à da doente, para tentar testemunhar a crise que, conforme ocorria

todos os dias, devia acontecer às cinco horas. Lá encontramos a jovem e sua mãe, conversando com os vizinhos. A meia hora logo passou. De repente, vimos a moça levantar-se, abrir a porta, atravessar a rua entrar em sua casa, seguida pela mãe, que a tomou e a colocou toda vestida na cama. Começaram as convulsões; o corpo se contorcia; a cabeça tendia a tocar os calcanhares; o peito ofegava; numa palavra: era desagradável à vista. Entrando eu e o médium na casa vizinha, perguntamos ao Espírito Louis David, guia espiritual do médium, se era uma obsessão ou um caso patológico. O Espírito respondeu:

“Pobre criança! Com efeito, ela se acha sob uma fatal influência, mesmo muito perigosa; vinde auxiliá-la. Obstinado e mau esse Espírito resistirá por muito tempo. Evitai, tanto quanto possível, que seja tratada por medicamentos, que lhe prejudicariam o organismo. A causa é toda moral. Tentai evocar esse Espírito; moralizai-o com delicadeza: nós vos auxiliaremos. *Que todas as almas sinceras que conheceis se reúnam para orar e combater a mui perniciosa influência desse Espírito maldoso.* Pobre pequena vítima do ciúme!”

Louis David

P. – Por que nome chamaremos este Espírito?

Resp. – Jules.

Evoquei-o imediatamente. O Espírito apresentou-se de modo violento, injuriando-nos, rasgando o papel e recusando responder a certas interpelações. Enquanto nos entretínhamos com o Espírito, o Sr. B..., médico, que tinha vindo examinar a crise, chegou junto de nós e disse com certo assombro: “É singular! De repente a menina deixou de se contorcer; agora está imóvel no leito, toda estendida.” – “Isto não me causa admiração”, disse-lhe eu, “porque o Espírito obsessivo está junto de nós neste momento.” Exortei o Sr. B... a voltar para a doente e continuamos a interpelar o Espírito que, em dado momento, não mais respondeu. O guia do

médium informou-nos que ele tinha ido continuar a sua obra, recomendando que não mais o evocássemos durante as crises, no interesse da menina, porque, voltando para ela com mais raiva, a torturava de modo mais intenso. No mesmo instante o médico entrou e nos informou que a crise recomeçava mais forte que nunca. Eu lhe fiz ler o aviso que acabava de nos ser dado e ficamos chocados com as coincidências, que não podiam deixar dúvidas quanto à causa do mal.

A partir dessa noite e sob recomendação dos Espíritos bons que nos assistem nos trabalhos espíritas, nós nos reuníamos todas as noites, até a cura completa.

No mesmo dia 11 de janeiro, recebemos a seguinte comunicação do Espírito protetor de nosso grupo:

“Guardiã vigilante da infância infeliz, venho associar-me aos vossos trabalhos, unir os meus aos vossos esforços para libertar esta mocinha das garras cruéis de um Espírito mau. O remédio está em vossas mãos; velai, evocai e orai sem jamais vos cansardes, até a cura completa.”

Pequena Cárta

Este Espírito, que toma o nome de *Pequena Cárta*, é o de uma jovem que conheci, morta na flor da idade e que, desde a mais tenra infância, tinha dado provas de grande angelitude e rara bondade.

A evocação do Espírito obsessivo só nos valeu as mais grosseiras e obscenas injúrias, que é inútil repetir. Nossas exortações e nossas preces resvalavam sobre ele, mas não surtiram o efeito desejado.

“Amigos, não desanimeis; ele se julga forte porque vos vê aborrecidos com a sua linguagem grosseira. Evitai pregar-lhe

moral neste momento. Conversai com ele familiarmente e em tom amigável, pois assim ganhareis a sua confiança e mais tarde podereis voltar a falar a sério com ele. Amigos, perseverança.”

Vossos Guias

Conforme a recomendação, tornamo-nos afáveis nas interpelações, às quais ele respondeu no mesmo tom.

No dia seguinte, 12 de janeiro, a crise foi tão longa e violenta que as dos dias precedentes; durou mais ou menos uma hora e meia. A menina erguia-se no leito, repelia o Espírito com força e lhe dizia: “Vai-te! vai-te!” O quarto da doente estava cheio de gente. Alguns de nós nos achávamos junto ao leito para observar atentamente as fases da crise.

Na reunião da noite recebemos a seguinte comunicação:

“Meus amigos, eu vos exorto a seguides, como tendes feito, passo a passo, esta obsessão que, para vós, é um fato novo. Vossas observações serão de grande utilidade, pois casos semelhantes, em que tereis de intervir, poderão multiplicar-se.

“Creio que esta obsessão, a princípio inteiramente física, será seguida de alguma obsessão moral, mas sem perigo. Logo vereis momentos de alegria em meio às torturas exercidas por esse Espírito mau. Reconhecê-los-eis pela presença e pela mão dos Espíritos bons. Se as torturas ainda durarem, notareis, depois da crise, a completa paralisação do corpo e, após essa paralisação, uma alegria serena e um êxtase que suavizarão a dor da obsessão.

“Observai bastante. Manifestar-se-ão outros sintomas e neles encontrareis novo material de estudo.

“O Senhor disse aos seus anjos: Ide levar minha palavra aos filhos dos homens. Ferimos a terra com a vara e esta gera prodígios. Curvai-vos, filhos: é a onipotência do Eterno que se vos manifesta.

Amigos, vigiai e orai; estamos junto de vós e do leito dos sofrimentos para secar as lágrimas.”

Pequena Cárta

Evocado, o Espírito Jules estava menos intratável do que na véspera; na verdade, respondemos às suas facécias com outras, o que lhe agradava. Antes de nos deixar, fizemos nos prometer ser menos duro em relação à sua vítima. “Tratarei de moderar-me”, disse ele; e como, por nossa vez, prometemos orar por ele, respondeu-nos: “Aceito, embora não conheça o valor desta mercadoria.”

P. [Ao Espírito]. Já que não conheceis a prece, quereis conhecê-la e escrever uma ditada por mim?

Resp. – Gostaria muito.

Ditado por nós, o Espírito escreveu a seguinte prece: “Ó meu Deus! prometo abrir minha alma ao arrependimento; fizeti penetrar no meu coração um raio de amor por meus irmãos, única coisa que pode purificar-me e, como garantia desse desejo, aqui faço a promessa de... (O fim da frase era: *Cessar minha obsessão*; mas o Espírito não escreveu estas três últimas palavras). Acrescentou: Alto! Quereis comprometer-me, sem me avisar. Cuidado! Não gosto de armadilhas. Andais muito depressa.” E como quiséssemos saber a origem de seu ciúme e de sua vingança, continuou: “Nunca mais me faleis da menina; apenas me afastaríeis de vós.”

A crise do dia 13 não durou mais que meia hora; a luta com o Espírito foi seguida de sorrisos de felicidade, de êxtase e de lágrimas de alegria; com os olhos muito abertos e juntando as duas

mãos, a menina erguia-se no leito e fitava o céu, como num quadro encantador. As predições da pequena Cárta realizaram-se em todos os pontos.

Na evocação ocorrida à noite, assim como nos dias anteriores, o Espírito Jules mostrou-se mais afável, mais submisso, e novamente prometeu moderar os seus ataques contra a menina, cuja história jamais quis contar; prometeu até mesmo orar.

Disse-nos o guia do médium: “Não confieis muito em suas palavras; podem ser sinceras, mas ele poderia estar querendo vos enganar para se livrar de vós. Ficai de guarda. Levai em consideração as suas promessas; se, mais tarde, tiverdes de o censurar, fazei-o com brandura, a fim de que ele sinta os bons sentimentos que tendes para com ele.

Louis David

No dia 14 a crise foi tão curta quanto na véspera e ainda menos viva. Foi igualmente seguida de êxtase e de manifestações de alegria. As lágrimas que corriam pelas faces da menina causavam nos assistentes uma emoção que não podiam ocultar.

Reunidos às oito horas da noite, como de costume, recebemos inicialmente a seguinte comunicação:

“Como deveis ter notado, operou-se hoje uma melhora sensível na menina. Devemos dizer que nossa presença influi bastante sobre o Espírito; nós lhe lembramos a promessa de ontem. A mocinha hauriu novos conhecimentos no êxtase e tentou repelir os ataques do obsessor. Na evocação de Jules, não useis de subterfúgios; evitai os detalhes que fatigam uns aos outros; sede francos e benevolentes com ele e o conquistareis mais cedo. Conforme pudemos notar nesta última crise, ele deu um grande passo à frente.”

Evocação de Jules.

Resp. – Eis-me aqui, senhores.

P. – Quais as vossas disposições de hoje?

Resp. – São boas.

P. – Sentistes o efeito de nossas preces?

Resp. – Não muito.

P. – Perdoai à vossa vítima e sentireis uma satisfação que não conheceis; é o que sentimos no perdão das injúrias.

Resp. – Comigo é tudo ao contrário. Eu encontrava satisfação na vingança de uma injúria. A isto chamo pagar as dívidas.

P. – Mas o sentimento de ódio que conservais na alma é um sentimento desagradável que está longe de vos dar tranqüilidade.

Resp. – Se vos dissesse que é o apego, acreditaríeis em mim?

P. – Acreditamos. Não obstante, tende a bondade de explicar como conciliais esse apego com a vingança que praticais. Que era para vós o Espírito dessa criança numa outra existência, e que vos fez ela para merecer tanto rigor?

Resp. – Inútil que mo pergunteis. Já vo-lo disse: não me faleis dessa menina.

P. – Pois bem! não falemos mais nisso. Mas devemos vos felicitar pela mudança em vós operada; estamos felizes por isto.

Resp. – Faço progressos em vossa escola... Que vão dizer os outros?... Não me vaiar e protestar: Ah! tu te fazes eremita!

P. – Que vos importa seu escárnio, se tendes os louvores dos Espíritos bons?

Resp. – É verdade.

P. – Ora! Para provar aos Espíritos maus, vossos antigos companheiros, que rompeis completamente com eles, deveríeis perdoar completamente, a partir de hoje; mostrar-vos generoso e bom, deixando de modo absoluto a jovem pela qual nos interessamos.

Resp. – Impossível, meu caro senhor. *Isto não pode acontecer de maneira tão repentina; Deixai que me desfaça pouco a pouco do que me é uma necessidade.* Sabeis a que vos arriscaríeis se eu cessasse subitamente? a me ver voltar de súbito. Entretanto, quero vos prometer uma coisa: é poupar a menina e torturá-la amanhã menos que hoje. Mas imponho uma condição: a de não ser trazido aqui à força; quero vir livremente ao vosso apelo e, se faltar à minha palavra, consinto em perder este favor. Devo dizer-vos que tal mudança em mim é devida a essa figura radiosa que aí está, junto de vós, e que também vejo ao lado da cama da menina, todos os dias, no momento da luta. Sentimo-nos tocado, mesmo sem o querer; sem isto, vós e os santos teríeis dificuldades por alguns dias. (O Espírito referia-se à pequena Cárita).

P. – Então ela é bonita?

Resp. – Oh! sim, muito bela!

P. – Mas ela não está sozinha junto de vós durante as lutas?

Resp. – Oh! não! Há outros: os antigos *do corpo*, os amigos. Eles jamais sorriem; mas agora zombo muito deles.

Observação – O interrogador por certo queria falar dos outros Espíritos bons, mas Jules fazia alusão aos Espíritos maus, seus companheiros.

P. – Vamos! Antes de nos deixar, prometemos esta noite fazer uma prece por vós.

Resp. – Eu peço dez; *dizei-as de coração* e amanhã estareis contentes comigo.

P. – Pois bem! que sejam dez. E já que estais em tão boas disposições, quereis escrever de cor uma prece em três palavras, ditada por mim?

Resp. – De bom grado.

O Espírito escreveu: “Ó meu Deus, dai-me a força de perdoar.”

No dia 15 de janeiro a crise se deu, como sempre, às cinco horas da tarde, mas durou apenas um quarto de hora. A luta foi fraca e seguida de êxtase, sorrisos e lágrimas, que exprimiam alegria e felicidade.

Na reunião da noite, a pequena Cárita nos deu a comunicação seguinte:

“Meus caros protegidos, conforme havíamos previsto, o fenômeno espírita que se passa aos vossos olhos se modifica, melhora dia a dia, perdendo seu caráter de gravidade. Antes de mais, um conselho: Que seja para vós um tema de estudo, do ponto de vista das torturas físicas, e de estudos morais. Aos olhos do mundo não façais sinais exteriores; não digais palavras inúteis. Que vos importa o que hão de dizer? Deixai a discussão aos ociosos. Que o objetivo prático, isto é, a libertação desta menina e a melhora do Espírito que a obsidia, seja o elemento de vossas conversas íntimas e sérias; não faleis de cura em voz alta; pedi-a a Deus no recolhimento e na prece.

“Esta obsessão – sinto-me feliz em dizer – chega ao fim. O Espírito Jules melhorou sensivelmente. Também eu, com todo o meu poder, agi sobre o Espírito da menina, a fim de que essas duas naturezas tão opostas se tornassem mais compatíveis entre si. A combinação dos fluidos não oferecerá mais nenhum perigo real em relação ao organismo; o abalo que sentia esse corpo jovem ao contato fluídico desaparece sensivelmente. Vosso

trabalho não acabou; a prece de *todos* deve sempre preceder e seguir a evocação.”

Pequena Cárta

Após a evocação de Jules e a prece, na qual é qualificado de Espírito mau, diz ele:

“Eis-me aqui! Em nome da justiça, peço a reforma de certas palavras de vossa prece. Reformei os meus atos; reformai as qualificações que me dais.”

P. – Tendes razão; não erraremos mais. Hoje viestes sem constrangimento?

Resp. – Sim, vim livremente; cumpri minhas promessas.

P. – Agora que estais calmo e com bons sentimentos, concordais em nos confiar os motivos de vosso rigor em relação a essa menina?

Resp. – Por favor, deixai o passado. Quando o mal está cauterizado, para que revolver a ferida? Ah! sinto que o homem deve tornar-se melhor. Tenho horror ao meu passado e encaro o futuro com esperança. Quando uma boca de anjo vos diz: A vingança é uma tortura para quem a exerce; o amor é a felicidade para aquele que o prodigaliza, então esse fermento que azeda e seca o coração se extingue: é preciso amar.

Estais admirados de minhas palavras? Não são criação minha; foram-me ensinadas e tenho prazer em vo-las repetir. Ah! como seríeis felizes se, mesmo por um minuto, pudésseis perceber este anjo bom, radioso como o sol, suave como o orvalho refrescante que cai em gotículas finas sobre uma planta queimada pelo fogo do dia! Como vedes, não tenho dificuldade de falar: bebo na fonte.

“Um rápido golpe de vista em minha vida vagabunda:

“Nascido no seio da miséria, ligado ao vício, desde cedo experimentei os amores grosseiros da vida. Sorvi com o leite a poção envenenada que me ofereciam todas as paixões. Errei sem fé, sem lei, sem honra. Quando se tem de viver ao acaso, tudo é bom. A galinha do camponês, como o carneiro do castelão, servia-nos de refeição. A pilhagem era a minha ocupação, quando sem dúvida o acaso, pois não creio que a Providência cuide de semelhantes celerados, me tomou e me equipou. Orgulhoso da roupa batida, que substituía meus andrajos, e munido de uma alabarda, juntei-me a um bando de... maus companheiros, vivendo a expensas de um senhor cobarde que, por sua vez, distinguia-se pelo talhe sobre seus companheiros. Mas que nos importava, a nós, a fonte de onde corriam para as nossas mãos a moeda e as provisões! Não entrarei em detalhes sobre os fatos que me são pessoais: eles são maus, horríveis e indignos de serem contados. Compreendeis que, educado em semelhante escola, a gente possa tornar-se um homem de bem?

“Separado pela morte, o bando foi restabelecer-se no mundo dos Espíritos. Longe de evitar as ocasiões de fazer o mal, nós as buscávamos. Em meus passeios errantes, encontrei uma vítima a fazer e o fiz. O resto já sabeis.

“Orai também pelo bando, senhores, por favor! Muitas vezes vos admirais de que uma região contenha mais malfeitores que outras. É muito simples. *Não querendo separar-se, lançam-se sobre uma região como uma nuvem de gafanhotos*: aos lobos, as florestas; aos pombos, os pombais.

“Vivi esta existência terrena ao tempo de Luís XIII. Minha última experiência passou-se sob o Império. Fui guerrilheiro; o bacamarte e o chapéu cônico adornado com fitas me agradavam muito. Amava o perigo, o roubo e as ações arriscadas.

Triste gosto, direis; mas que fazer alhures? Estava habituado a viver nos bandos. Deveis estar admirados dessa mudança súbita: é a obra de um anjo.

“Nada vos prometo para amanhã. Julgar-me-eis por meus atos. Uma prece, por favor; por minha vez, vou fazer uma:

“Anjinho, abre tuas asas, levanta vôo para o trono do Senhor; pede-lhe o meu perdão, pondo a seus pés o meu arrependimento.”

Jules

P. – Já que estais em tão bom caminho, pedi a Deus pela pobre menina...

Resp. – Não posso... seria irrisão ou crueldade que o carrasco abraçasse sua vítima.

No dia seguinte, 16 de janeiro, a menina não teve crise, mas apenas um desconforto gástrico. Aos nossos olhos, havia-se operado a libertação.

Às oito horas da noite, respondendo ao nosso apelo, o Espírito Jules deu a seguinte comunicação:

“Meus amigos, permiti-me este nome. Eu, o Espírito obsessivo, astuto e perverso; eu que, ainda há poucos dias, apodrecia no mal e nisso tinha prazer, vou, com o auxílio do anjo, vos pregar moral. Eu mesmo me encontro surpreso por esta mudança; pergunto-me se sou eu mesmo quem fala.

“Julgava que todo sentimento se tivesse apagado em minha alma; mas uma fibra ainda vibrava; o anjo a adivinhou e a tocou; começo a ver e a sentir. O mal me causa horror. Lancei o olhar sobre o meu passado e só vi crimes. Uma voz suave me disse: Espera; contempla a alegria e a felicidade dos Espíritos bons;

purifica-te; perdoa, em vez de te vingar; ama, ao invés de odiar. Também te amarei, eu, se quiseres amar, se te tornares melhor. Sinto-me comovido. Agora compreendo a felicidade que experimentarão os homens, quando souberem praticar a caridade.

“Mocinha, (dirigia-se à sua vítima, presente na sessão) tu, que eu havia escolhido para minha presa, como o abutre a doce pomba, ora por mim e que o nome do reprovado se apague da tua memória. Recebi o batismo do amor das mãos do Senhor e agora visto a roupa da inocência. Pobre menina, desejo que tuas preces, dirigidas ao Senhor em meu benefício, logo me livrem do remorso que me vai acompanhar como uma expiação justamente merecida.

“Meus amigos, tende a bondade de continuar, também, vossas preces por meus miseráveis companheiros, que me perseguem com a sua inveja maldosa, porque lhes escapo. Ainda ontem eu me perguntava o que eles dirão de mim; hoje eu lhes digo: Venci; meu passado está perdoado, pois soube arrependerm-me. Fizei como eu, travai a batalha contra o mal, que vos mantém cativo nesse lugar de tormentos e de desespero; saí de lá vencedores. Se, como a vossa, a minha mão criminoso encharcou-se de sangue, ela vos levará a água santa da prece que lava os estigmas do reprovado. Meu Deus, perdão!

“Obrigado, meus amigos, pelo bem que me fizestes. Pedirei para ficar junto de vós, a partir de hoje, para assistir às vossas reuniões. Necessito beber na fonte pura, conselhos para viver uma nova existência, que rogarei a Deus, quando tiver sofrido a expiação de meu passado infame, que a consciência censura.”

Jules

A 17 de janeiro, conforme a promessa de Jules, a menina não sentiu qualquer mal-estar do estômago. A Pequena Cárita anunciou que ela sofreria uma prova moral, às cinco horas da tarde, durante alguns dias, ou durante o sono, prova que nada

teria de penoso para ela e cujos únicos sintomas seriam sorrisos e doces lágrimas, o que realmente aconteceu, durante dois dias. Nos dias seguintes houve a mais completa ausência do menor sinal de crise. Nem por isso deixamos de observar a menina e de orar.

Em 18 de fevereiro a Pequena Cárta nos ditou a seguinte instrução:

“Meus bons amigos, bani todo o medo; a obsessão está acabada e bem-acabada; uma ordem de coisas estranhas para vós, mas que logo vos parecerão naturais, talvez seja a consequência desta obsessão, mas não obra de Jules. Algumas explanações são aqui necessárias como ensinamento.

“Hoje, que conheceis a doutrina, a obsessão ou a subjugação do ser material se vos apresenta não como um fenômeno sobrenatural, mas simplesmente com um caráter diferente das doenças orgânicas.

“O Espírito que subjuga penetra o perispírito do ser sobre o qual quer agir. O perispírito do obsedado recebe como uma espécie de envoltório o corpo fluídico do Espírito estranho e, por esse meio, é atingido em todo o seu ser; o corpo material experimenta a pressão sobre ele exercida de maneira indireta.

“Causa admiração que a alma possa agir fisicamente sobre a matéria animada. Entretanto, é ela a autora de todos esses fatos. Ela tem por atributos a inteligência e a vontade; por sua vontade ela dirige, e o perispírito, de natureza semimaterial, é o instrumento do qual ela se serve.

“O mal físico é aparente, mas a combinação fluídica, que vossos sentidos não podem captar, esconde um número infinito de mistérios, que se revelarão com o progresso da doutrina, considerada do ponto de vista científico.

“Quando o Espírito abandona sua vítima, sua vontade não age mais sobre o corpo, mas a impressão que recebeu o perispírito pelo fluido estranho de que foi carregado, não se apaga de repente e continua ainda por algum tempo a influir sobre o organismo. No caso de vossa jovem doente: tristezas, lágrimas, langores, insônias, distúrbios vagos, tais são os efeitos que poderão produzir-se em consequência dessa libertação; mas, tranquilizai-vos, vós, a menina e sua família, pois essas consequências não representarão perigo para ela.

“O dever me chama, de maneira especial, a levar a bom termo o trabalho que iniciei convosco. Agora é preciso agir sobre o próprio Espírito da menina, por uma doce e salutar influência moralizadora.

“Quanto a vós, meus amigos, continuai a orar e a observar atentamente todos esses fenômenos; estudai sem cessar; o campo está aberto e é vasto. Dai a conhecer e fezei compreender todas as coisas, e pouco a pouco as idéias espíritas se insinuarão no Espírito de vossos irmãos, que o aparecimento da doutrina encontrou incrédulos ou indiferentes.”

Pequena Cárta

Observação – Devemos um justo tributo de elogios aos nossos irmãos de Marmande pelo tato, prudência e devotamento esclarecido de que deram prova nessa circunstância. Por este retumbante sucesso Deus lhes recompensou a fé, a perseverança e o desinteresse moral, já que não buscavam nenhuma satisfação ao amor-próprio; o mesmo não teria ocorrido se o orgulho tivesse ofuscado sua boa ação. *Deus retira seus dons a quem quer que não os use com humildade*; sob o império do orgulho, as mais eminentes faculdades mediúnicas se pervertem, alteram-se e se extinguem, porque os Espíritos bons retiram o seu concurso. As decepções, os dissabores, as desgraças efetivas desde esta vida, muitas vezes são a

conseqüência do desvio da faculdade de seu objetivo providencial. Poderíamos citar mais de um exemplo infeliz entre os médiuns que suscitavam as mais belas esperanças.

A tal respeito, nunca nos penetraríamos demasiadamente das instruções contidas na *Imitação do Evangelho*, n^{os} 285, 326 e seguintes, 333, 392 e seguintes.

Recomendamos às preces de todos os bons espíritas o Espírito obsessivo Jules, acima citado, a fim de o fortalecer em suas boas resoluções e fazer que compreenda o que se ganha fazendo o bem.

Algumas Refutações

CONSPIRAÇÕES CONTRA A FÉ

A História haverá de registrar a lógica singular dos contraditores do Espiritismo, da qual vamos dar algumas amostras.

Do Departamento do Haute-Marne remetem-nos a pastoral do Sr. bispo de Langres, onde se nota a seguinte passagem:

“...E eis que os homens que se dizem amigos da Humanidade, da liberdade e do progresso, mas que, na realidade, a sociedade deve contar no número de seus mais perigosos inimigos, se esforçam, por todos os meios, para arrancar (a fé) do coração das populações cristãs. Porque, caríssimos irmãos, é nosso dever vos advertir, nós que somos encarregados de velar pela guarda de vossas almas, a fim de que os nossos avisos vos tornem prudentes e precavidos: Talvez jamais se tenha visto uma conspiração mais odiosa, mais vasta, mais perigosa e mais hábil, isto é, organizada de modo mais infernal contra a fé católica que a que hoje existe. Conspiração das sociedades secretas, que trabalham na sombra para aniquilar o catolicismo, como se isto

fosse possível; conspiração do protestantismo que, por uma propaganda ativa, busca insinuar-se por toda parte; conspiração dos filósofos racionalistas e anticristãos, que rejeitam, sem razão e contra toda razão, o sobrenatural e a religião revelada, e que se esforçam por fazer prevalecer no mundo letrado sua falsa e funesta doutrina; conspiração das sociedades espíritas que, pela prática supersticiosa da evocação dos Espíritos, entregam-se e incitam os outros a se consagrarem à pérfida maldade do espírito de mentira e de erro; conspiração de uma literatura ímpia ou corruptora; conspiração dos maus jornais e dos maus livros, que se propagam de modo assustador, à sombra de uma tolerância ou de uma liberdade louvada como progresso do século, como conquista do que chamam espírito moderno, e que não é senão um incitamento ao gênio do mal, um justo motivo de dor para uma nação católica, uma armadilha e um perigo muito evidente para todos os fiéis, seja qual for a classe a que pertençam, não suficientemente instruídos na religião, cujo número infelizmente é grande; conspiração, enfim, desse materialismo prático que não vê, não busca, não persegue senão o que diz respeito ao corpo e ao bem-estar físico; que não mais se ocupa da alma e de seu destino, como se não o houvesse, e cujo exemplo pernicioso seduz e arrasta facilmente as massas. Tais são, em resumo, caríssimos irmãos, os perigos que hoje corre a fé... etc.”

Estamos perfeitamente de acordo com o Sr. bispo no que toca as funestas conseqüências do materialismo; mas é surpreendente vê-lo confundir na mesma reprovação o materialismo, que nega a alma, o futuro, Deus e a Providência, com o Espiritismo, que vem combatê-lo e dele triunfa pelas provas materiais que dá da existência da alma, precisamente com o auxílio dessas mesmas evocações pretensamente supersticiosas. Será porque leva vantagem onde a Igreja é impotente? Partilharia o Sr. bispo da opinião de certo eclesiástico que dizia do púlpito: “Prefiro vos saber fora da Igreja a nela vos ver entrar pelo Espiritismo!” E deste outro que dizia: “Prefiro um ateu, que em nada crê, a um

espírita, que crê em Deus e na alma.” É uma opinião como outra qualquer e gostos não se discutem. Seja qual for a do Sr. bispo sobre este ponto, estimaríamos muito que ele respondesse às duas questões seguintes: “Como é que a Igreja, auxiliada pelos poderosos meios de ensino de que dispõe para fazer brilhar a verdade aos olhos de todos, não tem sido capaz de deter o materialismo, ao passo que o Espiritismo, nascido ontem, diariamente converte incrédulos endurecidos? – O meio pelo qual se atinge um objetivo é mais mau do que aquele com cujo auxílio não se o alcança?”

O Sr. bispo enumera uma série de conspirações, que se erguem ameaçadoras contra a religião; por certo não refletiu que, por esse quadro pouco tranquilizador para os fiéis, vai precisamente contra seu objetivo e pode até provocar nestes últimos deploráveis reflexões. A ouvi-lo, em pouco tempo os conspiradores seriam mais numerosos.

Ora, o que aconteceria num Estado se toda a nação conspirasse? Se a religião se vê atacada por tão numerosas coortes, isto não provaria em favor das simpatias que ela encontra. Dizer que a fé ortodoxa está ameaçada é confessar a fraqueza de seus argumentos. Se ela é fundada na verdade absoluta, não pode temer nenhum argumento contrário. Em tal caso, soar o alarme é completa falta de habilidade.

UMA INSTRUÇÃO DE CATECISMO

Num catecismo para crianças da diocese de Langres, por ocasião da pastoral acima referida, foi dada uma instrução sobre o Espiritismo, como assunto a ser tratado pelos alunos.

Eis a narração textual de um deles:

“O Espiritismo é obra do diabo, que o inventou. Entregar-se a isto é pôr-se em relação direta com o demônio.

Superstição diabólica! *Muitas vezes Deus permite essas coisas para reavivar a fé dos fiéis.* O demônio faz-se bom, faz-se santo; cita palavras das Escrituras sagradas.”

Esse meio de reanimar a fé nos parece muito mal escolhido.

“Tertuliano, que viveu no segundo século, conta que faziam falar as cabras e as mesas; é a essência da idolatria. Essas operações satânicas eram raras em certos países cristãos, mas hoje são muito comuns. Esse poder do demônio mostrou-se em todo o seu vigor com o advento do protestantismo.”

Eis crianças bem convencidas do grande poder do demônio. Não seria para temer que isto lhes fizesse duvidar um pouco do poder de Deus, quando se vê o primeiro tantas vezes levar a melhor sobre o segundo?

“O Espiritismo nasceu na América, no seio de uma família protestante chamada Fox. A princípio o demônio manifestou-se por pancadas que despertavam as pessoas em sobressalto; enfim, aborrecidos com as pancadas, procuraram o que podia ser. Um dia a filha do Sr. Fox pôs-se a dizer: Bate aqui, bate ali; e batiam onde ela queria.”

Sempre a excitação contra os protestantes! Assim, eis rapazes educados pela religião no ódio contra uma parte de seus concidadãos, muitas vezes contra membros da própria família! Felizmente o espírito de tolerância que reina em nossa época o contrabalança, sem o que veríamos a renovação de cenas sangrentas dos séculos passados.

“Esta heresia logo se vulgarizou e já conta quinhentos mil sectários. Os Espíritos invisíveis se permitem fazer toda a sorte de coisas. Ao simples pedido de um indivíduo, moviam-se mesas sobrecarregadas com centenas de livros; viam-se mãos sem corpo.

Eis o que se passou na América, e isto veio à França pela Espanha. Inicialmente o Espírito foi forçado por Deus e os anjos a dizer que era o diabo, a fim de não apanhar em suas armadilhas as pessoas honestas.”

Julgamo-nos bem ao corrente da marcha do Espiritismo, e jamais ouvimos dizer que tivesse chegado à França pela Espanha. Seria um ponto a retificar na história do Espiritismo?

Pela confissão dos adversários do Espiritismo, vê-se com que rapidez a idéia nova ganha terreno; uma idéia que, apenas despontada, conquista quinhentos mil partidários não é sem valor e prova o caminho que fará mais tarde; dez anos mais tarde um deles eleva a cifra a vinte milhões, só na França e prediz que em breve a heresia terá ganho os outros vinte milhões (Vide a *Revista Espírita* de junho de 1863). Mas, então, se todo o mundo é herético, que restará para a ortodoxia? Não seria o caso de aplicar a máxima: Quando todos estão errados, todos têm razão? Que teria respondido o instrutor, se uma criança insuportável de seu jovem auditório lhe tivesse feito a pergunta: “Como é possível que a primeira pregação de São Pedro só converteu três mil judeus, enquanto o Espiritismo, que é obra de satanás, fez imediatamente quinhentos mil adeptos? Será satanás mais poderoso do que Deus?” – Talvez ele lhe tivesse respondido: “É porque eram protestantes.”

“Satã diz que é um Espírito bom; mas é um mentiroso. Um dia quiseram que a mesa falasse; ela não quis responder; julgaram que a presença de eclesiásticos a impedia. Por fim, duas batidas vieram advertir que o Espírito lá estava. Perguntaram-lhe: – Jesus-Cristo é filho de Deus? – Não. – Reconheces a santa eucaristia? – Sim. – A morte de Jesus-Cristo aumentou os teus sofrimentos? – Sim.”

Então há padres que assistem a essas reuniões diabólicas. A criança insuportável poderia ter perguntado por que, quando vêm, não fazem o diabo fugir?

“Eis uma cena diabólica.” Assim dizia o Sr. Allan Kardec: “A velhacaria dos Espíritos mistificadores ultrapassa tudo quanto se possa imaginar. Havia dois Espíritos, um representando o bom, outro, o mau; ao cabo de alguns meses disse um: – Aborreço-me de vos repetir palavras melífluas, nas quais não penso. – Então és o Espírito do mal? – Sim. – Não sofres falando de Deus, da Virgem e dos santos? – Sim. – Queres o bem ou o mal? – O mal. – Não és o Espírito que falava há pouco? – Não. – Onde estás? – No inferno. – Sofres? – Sim. – Sempre? – Sim. – Estás submetido a Jesus-Cristo? – Não, a Lúcifer. – Ele é eterno? – Não. – Gostas do que tenho na mão? (eram medalhas da santa Virgem). – Não; julguei vos inspirar confiança; o inferno me reclama; adeus!”

O relato é muito dramático, sem dúvida, mas seria muito hábil quem provasse que temos algo a ver com isso. É triste ver a que expedientes são obrigados a recorrer para dar fé. Esquecem que essas crianças crescem e refletirão. A fé que repousa em tais provas tem razão de temer as conspirações.

“Acabamos de ver o Espírito do mal forçado a confessar que era o tal. Eis uma outra frase que o lápis do médium escrevia: ‘Se queres entregar-te a mim, alma, Espírito e corpo, satisfarei os teus desejos; se queres estar comigo, escreve teu nome por baixo do meu’; e escrevia: *Giefle* ou *Satã*. O médium tremia e não escrevia; tinha razão. *Todas* as sessões terminam por estas palavras: ‘*Queres aderir?*’ O demônio queria que fizessem um pacto com ele. Entrega-me a tua alma! disse um dia a alguém. – Quem és tu? responderam. – Sou o demônio. – Que queres? – Possuir-te. Não há purgatório; os celerados, os maus, tudo isto há no céu.”

Que dirão estes meninos quando testemunharem algumas evocações e, em vez de um pacto infernal, ouvirem os Espíritos dizer: “Amai a Deus acima de todas as coisas, e ao próximo como a vós mesmos; praticai a caridade ensinada pelo

Cristo; sede bons para com todos, mesmo com os vossos inimigos; orai a Deus e segui os seus mandamentos para serdes felizes neste mundo e no outro?”

“Todos esses prodígios, todas essas coisas extraordinárias vêm dos Espíritos das trevas. O Sr. Home, espírita fervoroso, nos diz que por vezes o solo vibra sob os seus pés, os aposentos estremecem, as pessoas se arrepiam; uma mão invisível nos apalpa os joelhos e os ombros; uma mesa pula. Perguntam: Estás aí? – Sim. – Dá provas disto. E a mesa se ergue duas vezes!”

Ainda uma vez, tudo isto é muito dramático; mas, entre os jovens ouvintes, certamente mais de um desejou vê-lo e não perderá a primeira oportunidade. Também se encontrarão mocinhas impressionáveis, de organização delicada que, ao menor comichão, julgarão sentir a mão do diabo e passarão mal.

“Todas essas coisas são ridículas. A santa Igreja, mãe de todos nós, faz-nos ver que isto não passa de mentira.”

Se tudo isto for ridículo e mentiroso, por que, então, dar tanta importância? Por que apavorar as crianças com quadros sem nenhuma realidade? Se há mentira, não é precisamente nesses quadros?

“Na evocação dos mortos, por exemplo, não se deve crer que sejam os nossos parentes que nos falam; é Satã quem fala e se dá por um morto. Certamente estamos em comunicação pela comunhão dos santos. Na vida dos santos temos exemplos de aparições de mortos; mas é um milagre da sabedoria divina e esses milagres são raros. Eis o que nos dizem: Algumas vezes os demônios se dão por mortos e, também, por santos.”

Algumas vezes não é sempre; portanto, pode acontecer que o Espírito que se comunica não seja um demônio.

“Eles podem fazer muitas outras coisas. Certo dia, um médium que não sabia desenhar reproduziu, com a mão conduzida por um Espírito, as imagens de Jesus-Cristo e da santa Virgem que, apresentadas a alguns de nossos melhores artistas, foram julgadas dignas de ser expostas.”

Ouvindo isto, um aluno bem poderia pensar: E se um Espírito pudesse conduzir-me a mão para fazer meu dever e ganhar um prêmio? Tentemos!

“Saul consultou a pitonisa de Endor e Deus permitiu que Samuel lhe aparecesse para dizer: Por que perturbas o meu repouso? Amanhã estarás comigo no túmulo. Nossos Sauis de salão bem que deveriam pensar nesta história. São Felipe de Néri nos diz: Se a santa Virgem vos aparecer, ou mesmo Nosso Senhor Jesus-Cristo, *cuspi-lhe no rosto*, pois seria apenas uma trapaça do demônio para vos induzir em erro.”

O que vem a ser a aparição de Nossa Senhora da Salette a duas pobres crianças? Conforme essa instrução de catecismo, deviam ter-lhe cuspidido no rosto.

“Nosso santo padre o papa Pio IX proibiu expressamente entregar-se a essas coisas. O Sr. bispo de Langres, e ainda muitos outros, fizeram o mesmo. Há perigo de morte: dois velhos se suicidaram porque os Espíritos lhes haviam dito que depois da morte gozariam de infinita ventura; perigo para a razão: vários médiuns enlouqueceram e numa casa de alienados contavam-se mais de quarenta indivíduos que o Espiritismo tornara loucos.”

Ainda não conhecemos a bula papal que proíbe expressamente de ocupar-se com estas coisas; caso existisse, o Sr. bispo de Langres e os outros não teriam deixado de mencioná-la. A história dos dois velhos, a que se faz alusão, é inexata; foi

provado, por documentos oficiais, registrados no tribunal e, notadamente por cartas por eles escritas antes da morte, que se suicidaram em consequência de perdas de dinheiro e do temor de cair na miséria (Vide a *Revista Espírita* de abril de 1863). A dos quarenta indivíduos confinados numa casa de alienados não é mais verídica. Seria muito constrangedor justificar tal história pelos nomes desses pretensos loucos, que um primeiro jornal fixou em quatro, um segundo em quarenta, um terceiro em quatrocentos e, por fim, um quinto dizia que trabalhavam na ampliação do hospício. Um instrutor de catecismo deveria colher seus dados históricos em outras fontes que não fossem as fofocas de jornais. As crianças a quem enunciam seriamente essas coisas as aceitam com confiança; mas, quanto maior a confiança, mais forte a reação contrária quando, mais tarde, souberem a verdade. Isto é dito em sentido geral e não exclusivamente para o Espiritismo.

Se analisamos este trabalho para meninos, fique bem entendido que não é a sua opinião que refutamos, mas aquela da qual a narração é um resumo. Se se investigasse com cuidado todas as instruções dessa natureza, ficaríamos menos admirados dos frutos recolhidos mais tarde. Para instruir a infância é preciso grande tato e muita experiência, porque é inimaginável o alcance que poderá ter uma única palavra imprudente que, como o joio, germina nessas jovens imaginações como em terra virgem.

Parece que os adversários do Espiritismo não acham que a idéia esteja bastante espalhada; dir-se-ia que, mau grado seu, são impelidos a inventar meios para difundi-la ainda mais. Depois dos sermões, cujo resultado é conhecido, não se podia achar um mais eficaz do que fazê-lo tema das instruções e deveres do catecismo. Os sermões atuam sobre a geração que se vai; as instruções predispoem a geração que chega. Assim, laboraríamos em erro se as encarássemos com desagrado.

O Espírito Batedor da Irmã Maria

A narrativa que segue está relatada numa carta, cujo original temos em mão e que transcrevemos textualmente.

“Viviers, 10 de abril de 1741.

“Ninguém no mundo, meu caro Noailles, melhor do que eu pode informar-vos de tudo quanto se passou na cela da Irmã Maria e se a descrição que fizestes nos expôs ao ridículo em nossa cidade; quero partilhá-lo convosco. A força da verdade vencerá sempre em mim o medo de passar por um visionário e um homem demasiado crédulo.

“Eis, pois, um pequeno relato de tudo o que vi e ouvi durante quatro noites que ali passei, e comigo mais de quarenta pessoas, todas dignas de fé. Só vos narrarei os fatos mais notáveis.

A 23 de março, dia da Anunciação, soube, pela voz pública, que há três dias, ouviam-se, todas as noites, grandes ruídos na cela da Irmã Maria; que as duas irmãs de São Domingos, que moram com ela tinham ficado tão apavoradas que mandaram chamar o Sr. Chambon, cura de Saint-Laurent, o qual tendo vindo àquela cela a uma hora da madrugada, ouvira os quadros batendo nas paredes, uma pia de água benta, de louça, mover-se com ruído, e uma cadeira de madeira, colocada no meio da cela, ser derrubada seis vezes. Confesso, senhor, que ao ouvir esse relato não deixei de zombar; as devotas renderam-se à minha crítica e, desde então, resolvi ir passar a noite seguinte na casa da Irmã Maria, convencido de que, em minha presença, tudo se passaria em silêncio ou eu descobriria a impostura. Com efeito, naquele mesmo dia, às nove horas da noite, dirigi-me àquela casa. Interroguei muitas irmãs, sobretudo a Irmã Maria, que me pareceu informada da causa de todos esses ruídos, mas ela não nos quis comunicar. Então, fiz uma busca minuciosa em seu quarto; olhei por cima e por baixo da cama; as paredes, os quadros, tudo foi examinado com muito

cuidado. Nada tendo descoberto que pudesse provocar todos esses ruídos, mandei que todos saíssem do quarto, com ordem de que ninguém entrasse senão eu. Posicionei-me no quarto vizinho, junto à lareira; deixei aberta a porta da cela e na soleira coloquei uma vela, de modo que via, do meu lugar, a um passo do leito, a cadeira que havia colocado e quase todo o quarto. Às dez horas os senhores d’Entrevaux e Archambaud vieram juntar-se a mim e, com eles, dois artesãos de nossa cidade.

“Cerca de onze e meia ouvi a cadeira mexer-se e logo acorri; ao encontrá-la caída, levantei-a, tomei uma segunda, que coloquei a maior distância do leito da doente, pois não queria perdê-la de vista. Os senhores d’Entrevaux e Archambaud tomaram a mesma precaução e, após um momento, nós a vimos mexer-se pela segunda vez; a pia de água benta, colocada no leito da Irmã Maria, mas a uma distância que ela não podia atingir, tiniu várias vezes e um quadro bateu três vezes na parede. Naquele momento fui falar com a nossa doente; encontrei-a extremamente oprimida e dessa opressão ela caiu num desfalecimento ou perdeu a consciência e o uso de todos os sentidos, que se reduziram à audição; eu próprio fui o seu médico; por meio de água de lavanda, em pouco tempo voltou a si. De quinze em quinze minutos ouvíamos o mesmo ruído e, achando sempre os quadros no mesmo estado, ordenei a esse barulhento, fosse quem fosse, que batesse três vezes o quadro na parede e invertesse a sua posição; logo fui obedecido. Um instante depois, ordenei-lhe que pusesse o quadro na posição anterior, recebendo uma segunda prova de sua submissão às minhas ordens.

“Como nada percebi de barulhento no quarto a não ser uma cadeira, dois quadros e uma pia de água benta, apossei-me de todos esses objetos; então o ruído deslocou-se para as imagens, que ouvimos mover-se várias vezes, e para um pequeno crucifixo pendurado à parede por um prego. Nada mais vimos ou ouvimos nessa noite; tudo ficou calmo e tranqüilo às cinco horas da manhã. Não fizemos segredo sobre tudo quanto tínhamos visto e ouvido e

vos deixo a pensar se não fui iludido em minha visão. Exortei os mais incrédulos a acreditar; lá fomos três noites seguidas e eis o que me pareceu mais surpreendente. Só vos relatarei certos fatos, pois seria muito longo se quisesse entrar em detalhes. Por ora deve bastar vos diga que os senhores Digoine, Bonfils, d'Entrevaux, Chambon, Faure, Allier, Aoust, Grange, Bouron, Bonnier, Fontènes, Robert e tantos outros os testemunharam.

“Tendo-se espalhado na cidade o boato de que a Irmã Maria podia ser a atriz dessa comédia, desde então modifiquei o bom conceito em que a tinha; quis mesmo suspeitar de fraude e, embora seja ela parálitica, segundo o testemunho de nosso médico e de todos que dela se aproximam e nos asseguram que há mais de três anos apenas movimenta a cabeça, presumi que ela pudesse agir e, com tal suposição, senhor, eis de que maneira me conduzi:

“Durante três dias consecutivos, às nove horas da noite, dirigi-me à casa da irmã. Preveni-a quanto aos expedientes que ia tomar para não ser enganado, em presença dos cinco ou seis senhores já citados. Fiz costurá-la em seu hábito; ela estava disposta e envolvida no leito como uma criança de um mês em seu berço. Tomei ainda dois papelotes, colocando-os em forma de cruz sobre o peito, de modo que não podia fazer qualquer movimento sem que a cruz se desfizesse.

“Nesse mesmo dia ela tinha revelado o mistério ao padre Chambon, que a dirige na ausência do Sr. bispo, e ao padre David, diretor de nosso seminário. O primeiro pediu-lhe e lhe permitiu que me informasse a causa de todos esses ruídos; então entrei na confidência e ela me informou que era uma alma sofredora, cujo nome indicou, e que vinha com a permissão de Deus para que aliviassem suas penas. Assim instruído e prevenido contra o erro, não deixei ninguém no quarto. Éramos oito naquela noite e todos determinados em nada acreditar. Por volta das onze horas os quadros e a pia de água benta se fizeram ouvir. Então o Sr. Digoine e eu nos fomos colocar à porta, com uma lâmpada à

mão; é preciso notar que a cela é pequena, que do meio eu podia alcançar as quatro paredes apenas estendendo os braços. Mal nos postamos e o quadro bateu na parede; corremos imediatamente, encontrando o quadro sem movimento e a doente na mesma situação; retomamos o nosso lugar e, tendo o quadro batido segunda vez, corremos à primeira pancada e vimos o quadro girar no ar e rodar sobre o leito. Coloquei-o na janela; um momento depois ele bateu três vezes, à vista de todos. Querendo cada vez mais me convencer da verdade contada pela Irmã Maria, ordenei ao Espírito sofredor que tomasse o crucifixo da parede e o pusesse no peito da doente; ele logo obedeceu. Todos os senhores que estavam comigo foram testemunhas. Ordenei-lhe que recolocasse o crucifixo no lugar e movesse a pia com força; também obedeceu; como, então, eu tivera o cuidado de pôr a pia à vista de todos, ouvimos o ruído e vimos o movimento. Não sendo tais sinais suficientes para me convencer, exigi novas provas. Coloquei uma mesa ao pé do leito da doente e disse a esse Espírito sofredor que de boa vontade lhe ofereceríamos votos e preces, mas sendo o sacrifício da missa o meio mais seguro para o alívio de suas penas, ordenei que desse tantas pancadas sobre a mesa quantas missas quisesse que fossem ditas para ele. Bateu no mesmo instante e contamos trinta e três pancadas. Então entramos em acordo para nos desobrigar daquela incumbência o quanto antes e, durante o tempo destinado para isto, os quadros, a pia e o crucifixo batiam ao mesmo tempo, com mais ruído que nunca.

“Eram duas horas da madrugada; mandei despertar o padre Chambon, que testemunhou tudo quanto lhe havíamos contado, pois em sua presença fizemos repetir as 33 batidas. O padre Chambon lhe ordenou que levasse o crucifixo para determinada cadeira; tão logo ouvimos uma pancada sobre esta, corremos e encontramos o crucifixo debaixo da cama, a um passo da cadeira. Pedi sucessivamente ao cônego Digoine, ao padre Chambon e ao Sr. Robert que se escondessem na cela para examinar se viam algo; ouviram duas vozes diferentes na cama da

doente, distinguindo a desta perfeitamente, que fazia várias perguntas; quanto à outra, não puderam discernir a resposta, pois se explicava em tom muito baixo e rápido. Informado por esses senhores, fui conferi-lo com a Irmã Maria, que confessou o fato.

“Propus àqueles senhores dizer um *De profundis* pelo alívio das penas dessa alma sofredora e, acabada a prece, a cadeira tombou, os quadros bateram e a pia zuniu. Disse a esse Espírito que íamos dizer cinco *Pater* e cinco *Ave* em honra das cinco chagas de Nosso Senhor, e lhe ordenava, como prova de que a prece lhe agradava, derrubar a cadeira uma segunda vez, mas com mais força. Mal nos ajoelhamos, a cadeira, colocada sob as nossas vistas e a dois passos, caiu para frente, levantou-se e caiu para trás.

“Vendo a docilidade desse Espírito e sua presteza em obedecer, julguei poder tentar tudo. Pus 40 moedas sobre a cama da doente e ordenei-lhe que as contasse. Imediatamente ouvimos contá-las num copo de vidro que eu havia colocado perto. Peguei a moeda e coloquei-a sobre a mesa; ordenei a mesma coisa e logo ele obedeceu. Pus um escudo de seis francos e mandei que com ele indicasse o número de missas que lhe são necessárias; bate 33 vezes com o escudo na parede. Faço entrar no quarto os senhores Digoine, Bonfils e d’Entrevaux, afastamos as cortinas do leito, colocamos a vela sobre este e mando o Espírito bater e nos designar o número de missas. Vemos, os quatro, a Irmã Maria sempre no mesmo estado, sem movimento e com os papelotes em forma de cruz, ainda dispostos, e contamos 33 batidas na parede. É de notar que no quarto vizinho, separado por esta parede, não havia viva alma; tínhamos tido o cuidado de afastar tudo quanto fizesse suscitar em nós a menor suspeita.

“Por fim, senhor, tentei uma nova via; escrevi estas palavras num papel: Eu te ordeno, alma sofredora, que nos digas quem és, tanto para nossa consolação quanto para a sustentação de nossa fé. Escreve, pois, o teu nome neste papel ou, pelo menos, faz nele uma marca para conhecermos a necessidade que tens de

nossas preces. Coloco este escrito debaixo da cama da doente, com um tinteiro e uma pena; um instante depois ouço a pia tilintar; acorremos todos ao ruído e, ao mesmo tempo, achamos o papel e o crucifixo sobre ele. Ordeno-lhe que ponha o crucifixo em seu lugar e marque o papel; então dissemos a ladainha da Virgem e, acabada a prece, encontramos o crucifixo em seu lugar e por baixo do papel duas cruces feitas com a pena. O padre Chambon, que estava muito perto do leito, ouviu o ruído da pena no papel. Eu poderia contar-vos muitos outros fatos igualmente surpreendentes, mas o detalhe me levaria muito longe.

“Sem dúvida perguntareis, caro senhor, o que penso desta aventura. Vou fazer minha profissão de fé. Em primeiro lugar estabeleço que o ruído que vi e ouvi tem uma causa. Os quadros, a cadeira, a pia, etc., são seres inanimados, que não podem mover-se por si mesmos. Qual, então, a causa que lhes deu movimento? Necessariamente, é preciso que seja natural ou sobrenatural; se for natural, não pode ser senão a Irmã Maria, pois havia apenas ela no quarto. Não se pode pretender que o ruído tenha sido produzido por molas; examinamos tudo com a máxima atenção, até desmontando os quadros, e se um simples cabelo tivesse respondido pela pia ou pela cadeira nós o teríamos percebido.

“Ora, eu digo que a Irmã Maria não é a causa; ela não quis, ou melhor, ela não nos pôde enganar. Será possível que uma menina em perfeito estado de santidade, uma jovem cuja vida é um milagre contínuo, pois está provado que há três anos não come, não bebe e que de seu corpo não tem saído, senão uma quantidade de pedras; que uma donzela que sofre há seis anos tudo quanto se pode sofrer e sempre com uma paciência admirável; que uma moça que só abre a boca para orar, deixando transparecer, em tudo o que diz, a mais profunda humildade, tenha querido nos enganar, impondo-se assim a todo um público, ao seu bispo, ao seu confessor e a uma multidão de sacerdotes que a interrogaram a respeito? Acho em tudo quanto ela diz uma coerência maravilhosa, jamais a menor contradição, caráter único da verdade, pois a mentira não se

sustentaria. Não creio que os mártires tenham sofrido mais do que esta santa; há épocas do ano em que o seu corpo é uma chaga só; vê-se saindo sangue e pus pelos ouvidos e, com muita freqüência, lhe arrancam vermes muito compridos, que saem pelas narinas; ela sofre e pede continuamente a Deus que a faça sofrer. Uma coisa maravilhosa é que todo ano, na quinzena da Páscoa, é tomada por um vômito de sangue; passado o vômito, a garganta fica desobstruída, ela recebe o santo viático e um instante depois se fecha totalmente; foi o que lhe aconteceu quarta-feira última.

“Em segundo lugar digo que ela não nos pôde enganar, pois está fora de estado de agir; como já disse, é paralítica e uma senhorita de nossa cidade ficou plenamente convencida quando lhe enterrou uma calibrosa agulha na coxa. Aliás, vedes as precauções que tomamos. Costuramo-la em seu hábito e muitas vezes com guarda à vista. Então não é ela. Quem é, então? Perguntais. A consequência é fácil de tirar de tudo quanto tenho a honra de vos dizer neste relato.

“*Assinado: † Abade de Saint-Ponc, cônego apresentador.*”

Observação – Há evidente analogia entre estes fatos e os do Espírito batedor de Bergzabern e de Dibbelsdorf, relatados na *Revista Espírita* de maio, junho, julho e agosto de 1858, salvo, neste, que o Espírito nada tinha de malévolos. São constatados por um homem cujo caráter não pode ser suspeito, e que não observou levemente. Se, como pretendem certas pessoas, só o diabo se manifesta, como viria junto de uma moça em estado de perfeição espiritual? Ora, é de notar que esta não era apavorada nem atormentada; ela própria sabia e as experiências constataram, que era uma alma sofredora. Se não é o diabo, então outros Espíritos podem comunicar-se?

Duas circunstâncias têm analogia particular como a que hoje vemos. Antes de mais, o primeiro pensamento é que haja fraude da parte da pessoa junto à qual se produzem os fenômenos,

a despeito das impossibilidades materiais que, por vezes, existem. Na situação física e moral dessa moça, não se compreende que a suspeita de uma encenação tenha podido entrar no espírito das outras religiosas.

O segundo fato é mais importante. Se alguns dos fenômenos ocorreram à vista das pessoas presentes, a maior parte deles se produziu quando elas estavam no quarto vizinho, de costas e na ausência de luz direta, como muitas vezes se tem observado em nossos dias. A que se deve isto? É o que não está ainda suficientemente explicado. Tendo esses fenômenos uma causa material, e não *sobrenatural*, poderia acontecer, como em certas operações químicas, que a luz difusa fosse mais favorável à ação dos fluidos de que se serve o Espírito¹⁴. A física espiritual ainda está na infância.

Variedades

O INDEX DA CÚRIA ROMANA

A data de 1º de maio de 1864 será marcada nos anais do Espiritismo, como a de 9 de outubro de 1861. Ela lembrará a decisão da sagrada congregação do *Index*, concernente às nossas obras sobre o Espiritismo. Se uma coisa surpreendeu os espíritas, é que tal decisão não tenha sido tomada mais cedo. Aliás, uma só é a opinião sobre os bons efeitos que ela deve produzir, já confirmados pelas informações que nos chegam de todos os lados. A essa notícia, a maioria dos livreiros se apressou em pôr essas obras mais em evidência. Alguns, mais timoratos, crendo numa proibição de sua venda, as retiraram das prateleiras, mas nem por isso deixam de vendê-las furtivamente. Tranqüilizaram-nos, fazendo-lhes observar que a lei orgânica diz que “Nenhuma bula, breve, decreto, mandato, provisão, assinatura servindo de provisão, nem outros

14 N. do T.: Parece que se dá exatamente o inverso: a luz difusa causa dissolução dos fluidos.

expedientes da cúria de Roma, *mesmo que só digam respeito aos particulares*, poderão ser recebidos, publicados, impressos nem de qualquer modo *executados* sem autorização do governo.”

Quanto a nós, esta medida, que é uma das que esperávamos, é um sinal que aproveitaremos, e que servirá de guia para os nossos trabalhos ulteriores.

PERSEGUIÇÕES MILITARES

Conta o Espiritismo numerosos representantes no exército, entre oficiais de todos os graus, que lhe constata a influência benfazeja sobre si mesmos e sobre os subalternos. Em algumas regiões, no entanto, entre os chefes superiores, encontra não negadores, mas adversários declarados, que interdita formalmente a seus subordinados de dele se ocuparem. Conhecemos um oficial que foi riscado do quadro de propostas para a Legião de Honra e outros que foram confinados por causa do Espiritismo. Temos aconselhado que se submetam sem murmúrio à disciplina hierárquica e que esperem pacientemente uma ocasião melhor, que não pode tardar, pois será levado pela força da opinião. Temos mesmo aconselhado a se absterem de toda manifestação espírita exterior, se preciso for, porque nenhum constrangimento pode ser exercido sobre sua crença íntima, nem lhes tirar as consolações e o encorajamento que nele haurem. Essas pequenas perseguições são provas para sua fé e servem ao Espiritismo, em vez de o prejudicar. Devem considerar-se felizes por sofrer um pouco por uma causa que lhes é cara. Não se orgulham de deixar um membro no campo de batalha pela pátria terrestre? Que são, pois, alguns dissabores e contrariedades suportados pela pátria eterna e pela causa da Humanidade?

UM ATO DE JUSTIÇA

Domingo, 3 de abril de 1864 foi um dia de grande festa para a comuna de Cempuis, perto de Grandvilliers (Oise). Milhares

de pessoas ali se achavam reunidas para uma tocante cerimônia, que deixará lembranças inapagáveis no coração de todos os presentes. O Sr. Prévost, nosso colega, membro da Sociedade Espírita de Paris, fundador do asilo de Cempuis e das sociedades de auxílio mútuo do bairro, foi o modesto herói. Um imenso cortejo, precedido pela banda de Grandvilliers, o conduziu à prefeitura, onde recebeu das mãos da autoridade departamental a medalha de honra de que se fez merecedor por seu devotamento à causa da humanidade sofredora. No discurso pronunciado na ocasião pelo delegado da prefeitura, destacamos a seguinte passagem:

“Senhores, se nesta revista sumária consegui que cada um fizesse a parte merecida que lhe cabe na consagração deste grande dia, que me seja permitido rejubilar-me convosco, como se fora a execução de um dever que, por todos os títulos, me era muito caro.

“É, pois, com indizível alegria e legítimo orgulho que todos verão sobre o nobre peito do Sr. Prévost este símbolo honorífico, que o Imperador aí quis ver ligar em seu nome, esperando – não o duvidemos – que a estrela de honra aí venha brilhar com sua mais viva luz.

“Antes de encerrar esta bela cerimônia, à qual a juventude está, de pleno direito, impaciente para substituir por sua alegre animação, façamos remontar a nossa alegria e a nossa gratidão até o seu autor augusto, o Imperador, bem como ao seu fiel intérprete, o Sr. prefeito de Oise.”

A Sociedade Espírita de Paris também se orgulha com a honra prestada a um de seus membros altamente reconhecidos. (Para detalhes sobre o asilo de Cempuis, vide a *Revista Espírita* de outubro de 1863).

Allan Kardec

